



Trump pediu que Zelenski cesse ataque a estrutura de diesel de Putin

Ucrânia vence a Rússia na primeira batalha naval de drones

Na primeira batalha naval entre drones registrada na história, um bote-robô da Ucrânia levou a melhor sobre seu adversário russo no mar Negro. A Marinha ucraniana divulgou um vídeo sem data revelada neste sábado (12). Nele, um modelo Sargan-3000 equipado com uma metralhadora de 12,7 mm duela com um modelo semelhante, mas não identificado, das forças de Vladimir Putin. O Sargan, que empresta seu nome da palavra ucraniana para peixe-agulha, foi revelado em abril deste ano. Segundo a Marinha, o serviço secreto militar identificou o alvo, que estava sendo monitorado por um drone aéreo pelo que se vê no vídeo, e enviou o bote para combate. A Rússia não comentou o vídeo, mas um analista militar moscovita afirmou à reportagem que ele era legítimo, e que de fato não há registro de alguma batalha do tipo até então.

Incidente é um marco na história naval

Militarmente, é apenas um detalhe na Guerra da Ucrânia, que se arrasta por quatro anos e meio, mas o incidente é um marco da história naval. Drones aquáticos, submarinos ou de superfície, fazem parte do conflito desde seus primórdios. Mas nunca havia ocorrido um embate direto entre robôs, que usam alguma medida de inteligência artificial em seus comandos. O Sargan foi idealizado como mais uma plataforma para ataques suicidas depois que a Marinha da Ucrânia foi obliterada pelos russos no conflito.



Popularidade de Putin está começando a ser afetada na Rússia

Mar Negro está no centro do conflito

O emprego desses drones por Kiev foi eficiente, obrigando a Frota do Mar Negro do rival a procurar refúgio em portos mais distantes. Ainda assim, a força naval de Putin na região foi afetada, com o site de monitoramento de perdas militares comprovadas Oryx contando 25 navios e 1 submarino destruídos —entrando no balanço aqueles atingidos por mísseis e drones aéreos. O mar Negro tem sido um teatro ativo da guerra neste ano. Ao lançar sua campanha de drones e mísseis de longa distância, Kiev mirou navios graneleiros russos que deixam a região do rio Don.

Zelenski propôs trégua, mas Putin recusou

O impacto foi grande, levando a uma retaliação intensa contra portos e embarcações da Ucrânia no entorno de seu principal porto, Odessa. Estimativas preliminares falam numa queda de 75% das exportações de grãos ucranianos, principal fonte de renda do país, e de 60% na Rússia. O presidente Volodimir Zelenski propôs uma trégua específica na região, sem sucesso.

Afetou Vladimir Putin

Zelenski também mantém uma campanha ativa contra a infraestrutura logística e energética russa, mirando refinarias. Isso levou a uma crise de abastecimento na Rússia, que teve de vetar a exportação de diesel e gasolina, além de importar combustíveis. Para Putin, foi um baque que até atingiu sua popularidade, segundo pesquisas.

Retaliação russa

Vale destacar que a Rússia é dona da segunda maior produção de petróleo do mundo ao lado da Arábia Saudita. A retaliação também se intensificou, com os russos aumentando ataques com mísseis balísticos contra Kiev e outros centros urbanos. Tudo isso fez disparar a mortalidade de civis no conflito para o nível mais alto desde o primeiro mês da guerra.

Trump e Zelenski

Neste domingo, o presidente Donald Trump conversou com Zelenski ao telefone. A repórteres na Irlanda, o americano disse que pediu para que os ucranianos parassem de “atacar o diesel russo”. “Há muitos outros alvos. Não ataque o diesel”, afirmou, sem relatar a reação ucraniana. Trump retomou a tentativa de mediar o conflito na semana passada.

Retomar negociações

Na última semana, os enviados de Donald Trump, Steve Witkoff e Jared Kushner, estiveram com Vladimir Putin e Volodimir Zelenski. Ainda é incerto, porém, quando as negociações serão retomadas. Caso ocorram, elas provavelmente serão em Abu Dhabi.

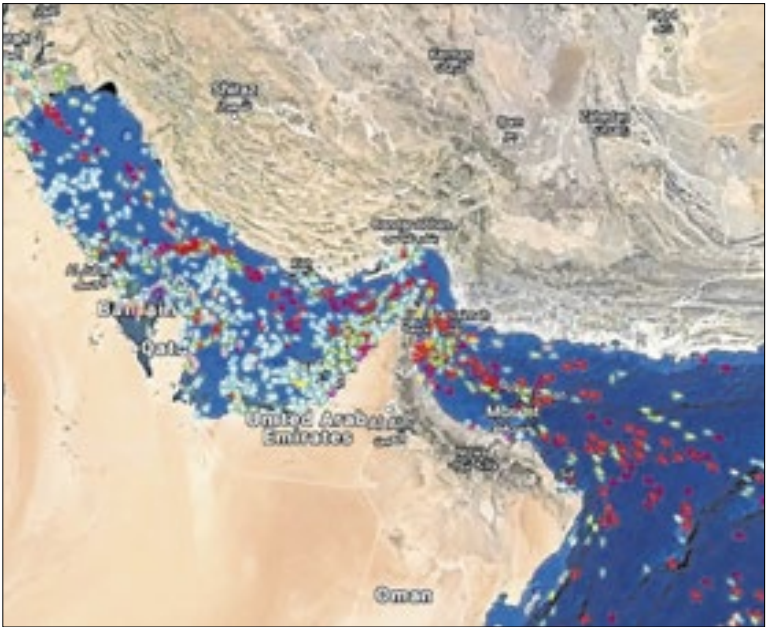
Por Igor Gielow (Folhapress)

Ataques a civis

Ataques aéreos russos em várias regiões da Ucrânia mataram dez pessoas no sábado (12), feriram dezenas e danificaram edifícios residenciais e infraestruturas em todo o país, segundo autoridades ucranianas. O número de civis mortos aumentou na Ucrânia nos últimos dois meses, à medida que a Rússia intensifica os ataques contra usinas de energia.

Ataques de 90 minutos

A Câmara Municipal de Kramatorsk, uma das cidades ucranianas na linha de frente que a Rússia tenta capturar, afirmou que as forças russas atacaram carros particulares, matando três pessoas em três incidentes ocorridos ao longo de 90 minutos. “Esses não são alvos militares. São carros comuns de civis. As pessoas estavam cuidando de seus afazeres”, disse a Câmara.



Controle de estreito pelos houthis vem causando apreensão no mercado

Guerra no mar Vermelho ameaça 4% do petróleo do mundo

Mercado está apreensivo com controle dos Houthis e ataques a oleodutos

Por Igor Gielow (Folhapress)

O ataque ao principal oleoduto da Arábia Saudita e a tomada de controle, pelos houthis do Iêmen, da costa por onde passa o comércio do mar Vermelho ameaçam tirar 4% do suprimento global de petróleo. A situação agrava a crise energética e inflacionária decorrente da guerra no Oriente Médio.

Na sexta-feira (10), drones atingiram o oleoduto que liga os campos petrolíferos sauditas do oeste do país ao porto de Yanbu, no mar Vermelho. Devido à restrição de trânsito no estreito de Hormuz pelo Irã em conflito com os Estados Unidos, a via tornou-se vital para as exportações de Riad.

Segundo maior produtor do mundo, o reino passou a escoar até 70% de seu petróleo pelo mar Vermelho. O ataque da sexta foi lançado do Iraque por aliados do Irã e dos houthis segundo os sauditas, mas ninguém assumiu a autoria.

Segundo agências de notícias, o estoque de petróleo em Yanbu dura no máximo mais uma semana, e é incerto quando o oleoduto será reativado porque a operadora Aramco não divulga a extensão dos danos —que, por imagens de satélite, pareciam grandes.

Para agravar o quadro para os sauditas, os rebeldes houthis, apoiados pelo Irã, seguem consolidando sua posi-

ção na costa iemenita do mar Vermelho.

Já controlam o acesso e as ilhas do estreito de Bab el-Mandeb, que liga a região ao oceano Índico, e neste domingo (13) estavam preparando o assalto à última cidade do norte da costa ainda dominada pelo governo do país reconhecido internacionalmente.

Os rebeldes prometem permitir o tráfego de quaisquer navios que não tenham destino ou origem em portos sauditas, e agora estão mais bem posicionados para tal.

O bloqueio que haviam anunciado em julho não foi tão efetivo quanto o iraniano em Hormuz, onde o tráfego mercantil caiu a cerca de 10% do nível pré-guerra. Pela via do golfo Pérsico passavam 20% da produção mundial de petróleo e gás natural liquefeito antes de Donald Trump atacar o Irã em fevereiro.

Os combates seguiram na região neste domingo. Segundo os rebeldes, uma base militar saudita foi atingida por mísseis do grupo, e Riad respondeu com 123 ataques aéreos em 24 horas.

Os sauditas não se pronunciaram sobre a situação militar. A crise no Oriente Médio já fez a Agência Internacional de Energia prever uma queda de 6% no fluxo de petróleo global neste ano, e isso pode piorar com a escalada no mar Vermelho.